

## A GEOGRAFIA COMO EIXO INTEGRADOR: REFLEXÕES E PROPOSTAS INTERDISCIPLINARES NO CONTEXTO ESCOLAR

Eduarda Stockmann<sup>1</sup>  
Flávio Carreiro de Santana<sup>2</sup>

**RESUMO:** Este trabalho tem como objetivo analisar o papel da Geografia como campo de conexão entre saberes, destacando sua relevância no desenvolvimento de práticas pedagógicas interdisciplinares. A partir de uma abordagem crítica, fundamentada em autores como Milton Santos, Yves Lacoste e Antonio Carlos Robert Moraes, a pesquisa discute as interfaces da Geografia com áreas como História, Ciências, Sociologia e Matemática. São apresentadas propostas de práticas interdisciplinares baseadas em temas como urbanização, sustentabilidade, mudanças climáticas e globalização, evidenciando o potencial transformador do ensino geográfico. A construção de saberes integrados favorece uma educação significativa, crítica e voltada à cidadania. O estudo conclui que a interdisciplinaridade, ancorada na Geografia, não apenas fortalece a aprendizagem, mas também contribui para a formação de sujeitos mais conscientes de seu papel no mundo.

**Palavras-chave:** Geografia escolar. Interdisciplinaridade. Práticas pedagógicas. Ensino crítico. Educação e cidadania.

### I. INTRODUÇÃO

---

1803

A contemporaneidade exige da educação escolar uma abordagem que ultrapasse os limites disciplinares tradicionais e promova uma articulação entre diferentes áreas do conhecimento, visando à formação integral do sujeito. Nesse cenário, a interdisciplinaridade desponta como uma proposta pedagógica essencial para enfrentar os desafios complexos e interconectados do mundo atual. Conforme afirma Edgar Morin (2001), o conhecimento fragmentado não dá conta da complexidade da realidade, sendo necessário desenvolver uma inteligência capaz de contextualizar e articular os saberes.

No campo educacional brasileiro, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) reforça a necessidade de uma prática pedagógica que integre diferentes componentes curriculares, promovendo competências gerais como o pensamento crítico, a responsabilidade socioambiental e a cultura digital (BRASIL, 2018). Nesse contexto, a Geografia assume um

---

<sup>1</sup>Mestranda em Ciências da Educação pela Veni Creator Christian University.

<sup>2</sup>Graduado em História pela Universidade Estadual da Paraíba (2003), Especialização em História do Brasil pela Universidade Estadual da Paraíba (2004), mestrado em Sociologia pela Universidade Federal da Paraíba (2007) e Doutorado na área de História e Arqueologia pela Universidade de Coimbra -Portugal (2014). Membro investigador do Centro de História da Sociedade e da Cultura da Universidade de Coimbra e do Núcleo de Pesquisa e Extensão em História Local (NUPEHL/UEPB).

papel de destaque, uma vez que seu objeto de estudo — o espaço geográfico — permite múltiplas conexões com saberes das Ciências Humanas, da Natureza e até mesmo da Matemática e Linguagens.

Autores como Cavalcanti (2012) e Vesentini (2009) defendem a Geografia como uma ciência capaz de integrar diversas perspectivas do conhecimento, articulando fenômenos naturais e sociais em uma visão sistêmica e crítica da realidade. Ao tratar de temas como território, paisagem, lugar e região, o ensino de Geografia favorece a interdisciplinaridade ao dialogar com questões como o meio ambiente, as desigualdades sociais, o uso dos recursos naturais e os processos de urbanização.

Destarte, este artigo tem como objetivo discutir o papel da Geografia como eixo integrador no processo de construção de saberes interdisciplinares no contexto escolar. Para isso, parte-se de uma reflexão teórica sobre o conceito de interdisciplinaridade na educação contemporânea, explorando em seguida as potencialidades da Geografia para promover práticas pedagógicas que articulem diferentes áreas do conhecimento. Por fim, propõem-se sugestões metodológicas voltadas à construção de experiências interdisciplinares significativas no cotidiano escolar, que contribuam para uma aprendizagem crítica e contextualizada.

## 2. DESENVOLVIMENTO

### 2.1 Conceito de interdisciplinaridade e suas diferenças em relação à multidisciplinaridade e transdisciplinaridade

A compreensão do conceito de interdisciplinaridade exige inicialmente um mergulho no próprio significado da palavra. Trata-se de uma abordagem educacional que busca superar os limites entre as disciplinas escolares tradicionais, promovendo um diálogo e uma integração efetiva entre diferentes campos do saber. Ao contrário da simples justaposição de conteúdos, a interdisciplinaridade propõe uma real articulação de saberes, possibilitando ao estudante compreender a complexidade dos fenômenos do mundo de forma mais ampla e contextualizada.

Para Ivani Fazenda (2002), uma das principais referências no estudo da interdisciplinaridade no Brasil, essa prática pedagógica consiste em uma atitude de abertura ao outro, de escuta e diálogo entre áreas do conhecimento. Ela não deve ser compreendida apenas como técnica de ensino, mas como uma postura epistemológica e ética que transforma

a prática pedagógica. A interdisciplinaridade, portanto, não se limita à organização de conteúdos, mas diz respeito à maneira como o conhecimento é produzido, ensinado e aprendido.

É importante distinguir a interdisciplinaridade da multidisciplinaridade. A segunda refere-se à colocação conjunta de várias disciplinas no tratamento de um tema, sem necessariamente haver articulação entre elas. Por exemplo, em um projeto sobre mudanças climáticas, o professor de Biologia pode tratar da fotossíntese, o de Geografia dos climas e o de Química da composição do CO<sub>2</sub>, mas sem construir pontes conceituais entre esses conteúdos. Isso caracteriza uma abordagem multidisciplinar, que é um passo inicial, mas ainda limitado no desenvolvimento de uma perspectiva mais integrada.

A transdisciplinaridade, por sua vez, vai além da própria interdisciplinaridade. Segundo Nicolescu (1999), ela busca uma visão totalizante do conhecimento, transgredindo os próprios limites das disciplinas e se abrindo ao conhecimento não acadêmico, como o popular, o intuitivo, o artístico e o espiritual. Trata-se de um ideal mais radical de superação das fronteiras disciplinares, propondo uma nova lógica de pensamento.

Japiassu (1976), pioneiro nos estudos sobre interdisciplinaridade em língua portuguesa, destaca que a interdisciplinaridade surge como uma resposta à fragmentação excessiva do saber promovida pela especialização científica. Para ele, a hiperespecialização cria compartimentos estanques que dificultam a apreensão dos problemas reais, cada vez mais complexos e multifacetados. Nesse sentido, a interdisciplinaridade seria uma tentativa de recompor a unidade do saber, favorecendo uma abordagem mais holística e significativa do conhecimento.

Essa fragmentação é especialmente evidente no ambiente escolar, onde as disciplinas, muitas vezes, são apresentadas de forma isolada e desconectada das vivências dos alunos. A interdisciplinaridade surge, portanto, como um movimento de ressignificação do currículo e da prática docente, buscando integrar o saber escolar à vida cotidiana e aos desafios sociais. Essa integração não significa a diluição das disciplinas, mas sim a construção de pontes entre elas, valorizando a complementaridade e a interdependência dos conhecimentos.

Edgar Morin (2001), com sua proposta de “pensamento complexo”, corrobora essa perspectiva ao afirmar que o conhecimento precisa ser contextualizado, relacional e multidimensional. Para ele, a educação deve superar o paradigma da simplificação e se abrir à complexidade do real, o que só é possível por meio de uma abordagem interdisciplinar. Morin

destaca que os problemas fundamentais da existência humana não são compartimentalizados; eles atravessam diversas áreas do saber e exigem uma inteligência articulada.

Ainda segundo Morin, a educação fragmentada impede a compreensão dos grandes problemas contemporâneos, como as mudanças climáticas, as desigualdades sociais e os dilemas éticos da tecnologia. Esses temas não podem ser compreendidos apenas pela Física, pela Biologia ou pela Filosofia isoladamente. É necessário um saber que se articule, que dialogue e que se reconstrua continuamente a partir da interação entre diferentes campos do conhecimento.

A interdisciplinaridade também se fundamenta na ideia de que o conhecimento é uma construção coletiva, inacabada e em constante transformação. Essa perspectiva está presente na obra de Paulo Freire (1996), ao defender que o processo educativo deve estar comprometido com a problematização da realidade e com a formação de sujeitos críticos e reflexivos. A interdisciplinaridade, nesse sentido, é uma prática pedagógica comprometida com a transformação social.

No entanto, colocar a interdisciplinaridade em prática requer mais do que a intenção pedagógica. Exige mudanças estruturais no currículo, na formação dos professores e na organização da escola. A resistência à interdisciplinaridade muitas vezes está relacionada à cultura escolar ainda muito marcada pela lógica disciplinar, pela segmentação dos tempos e espaços e pela dificuldade de planejamento coletivo.

Para que a interdisciplinaridade se efetive, é necessário repensar o papel do professor. Ele deixa de ser apenas um transmissor de conteúdos e passa a ser um mediador de saberes, um articulador de processos formativos mais amplos. A formação docente, nesse sentido, deve incluir o desenvolvimento de competências para o trabalho colaborativo, a escuta ativa e a capacidade de planejar projetos interdisciplinares com outros profissionais da educação.

A interdisciplinaridade também se articula com as ideias de currículo integrador, como propõe Sacristán (2000). Para ele, o currículo não deve ser uma lista fragmentada de conteúdos, mas um projeto coletivo de formação humana, que dialogue com a cultura, a história e as experiências dos sujeitos. O conhecimento escolar, nesse sentido, precisa estar conectado com o mundo, com os problemas sociais e com os contextos vividos pelos estudantes, favorecendo aprendizagens mais significativas. O currículo integrador reforça a necessidade de práticas pedagógicas que mobilizem diferentes saberes de forma crítica, colaborativa e reflexiva — elementos que são centrais para a interdisciplinaridade.

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC), documento normativo que orienta a educação básica brasileira, reforça a importância da interdisciplinaridade como um dos eixos estruturantes do processo de ensino e aprendizagem. Ao definir competências gerais e específicas que perpassam todas as áreas do conhecimento, a BNCC promove a ideia de articulação entre saberes, buscando formar sujeitos capazes de atuar com autonomia, pensamento crítico e responsabilidade social.

Segundo a BNCC (2018), uma das dez competências gerais da educação básica é a “construção do conhecimento”, que envolve mobilizar, articular e aplicar conhecimentos de diferentes áreas para compreender e enfrentar situações-problema. Essa diretriz aponta diretamente para a necessidade de abordagens interdisciplinares que favoreçam a contextualização do conteúdo escolar e sua ligação com a vida cotidiana dos alunos.

Outro ponto importante da BNCC é o reconhecimento da complexidade dos problemas contemporâneos e da necessidade de formação de estudantes capazes de lidar com desafios multifacetados, como as questões ambientais, sociais, econômicas e éticas. Para isso, a integração entre as áreas do conhecimento torna-se essencial, sendo proposta como estratégia pedagógica desde os anos iniciais do ensino fundamental até o ensino médio.

A BNCC também propõe que o trabalho pedagógico esteja centrado em projetos, temas geradores e situações de aprendizagem contextualizadas, o que exige uma atuação docente pautada pela colaboração e pelo planejamento coletivo. Essa mudança de paradigma curricular rompe com a lógica tradicional da compartimentalização do saber e convoca os professores a estabelecerem relações significativas entre os conteúdos, promovendo aprendizagens integradas.

A BNCC, portanto, oferece um importante marco normativo para a promoção da interdisciplinaridade, mas sua concretização depende do comprometimento dos gestores escolares, da formação docente adequada e da construção de uma cultura escolar voltada para o diálogo, a colaboração e a inovação pedagógica. O desafio está em transformar diretrizes em práticas, superando resistências e criando condições para que o currículo seja realmente integrador, significativo e emancipador.

## 2.2 A Geografia como Campo de Conexão entre Saberes

A Geografia, enquanto campo de conhecimento, tem sido amplamente reconhecida por sua capacidade de integrar diferentes saberes, funcionando como uma ciência articuladora entre as dimensões naturais e sociais da realidade. Santos (1996) destaca que a Geografia é uma ciência social que não pode ser dissociada dos processos históricos e econômicos que moldam o espaço, o que exige uma interlocução constante com outras disciplinas. Essa visão coloca a Geografia como um campo natural para a interdisciplinaridade, essencial para compreender a complexidade do mundo contemporâneo.

David Harvey (2003) complementa essa perspectiva ao afirmar que o espaço geográfico é um produto social e econômico, sendo o objeto central da Geografia, o que implica um diálogo constante com a Economia, a Sociologia e a História. Para Harvey, a compreensão das dinâmicas espaciais demanda uma abordagem que articule múltiplas dimensões do conhecimento, pois as relações sociais manifestam-se de maneira concreta e localizada no espaço.

Demangeon (1965) já havia apontado a importância da Geografia em articular os elementos naturais e humanos no estudo do território. Ele defendia que o entendimento do espaço não pode ser fragmentado e que a Geografia deve envolver diversas áreas, como a Biologia, para o estudo dos ecossistemas, e a História, para compreender as transformações ao longo do tempo. Essa concepção interdisciplinar é essencial para uma abordagem educativa que promova a integração dos saberes.

A perspectiva interdisciplinar da Geografia é também ressaltada por Libâneo (2013), que defende o papel da Geografia escolar como mediadora de conexões entre diferentes áreas do conhecimento. Para ele, os temas geográficos, como urbanização, meio ambiente e globalização, naturalmente dialogam com conteúdos de História, Ciências, Sociologia, Matemática e outras disciplinas, o que permite uma compreensão mais rica e contextualizada do mundo.

Oliveira (2007) acrescenta que a Geografia tem um papel crucial no desenvolvimento do pensamento crítico dos estudantes, pois permite analisar o espaço vivido em suas múltiplas dimensões, sociais, políticas e ambientais. Essa análise crítica favorece a conexão entre Geografia, Filosofia e Sociologia, disciplinas que contribuem para a formação de uma consciência cidadã e reflexiva.

O debate entre multidisciplinaridade, interdisciplinaridade e transdisciplinaridade é essencial para entender a posição da Geografia como campo integrador. Segundo Nicolescu

(1999), a transdisciplinaridade ultrapassa os limites disciplinares tradicionais, incorporando saberes não acadêmicos. Já Fazenda (2002) entende que a interdisciplinaridade promove um diálogo entre as disciplinas sem a fusão total, o que encaixa perfeitamente com a natureza da Geografia, que mantém suas especificidades enquanto se conecta a outras áreas.

Japiassu (1976) também ressalta que a interdisciplinaridade é uma resposta à fragmentação excessiva do conhecimento, característica da hiperespecialização científica. Ele afirma que essa abordagem permite uma reconstrução do saber, na qual conceitos e métodos de diferentes áreas se transformam mutuamente. A Geografia, ao integrar diversas disciplinas, exemplifica esse processo, ao relacionar temas ambientais com sociais, históricos e econômicos.

Santos (1996) ainda enfatiza que a Geografia é uma ciência da realidade complexa, e para isso precisa dialogar com outras áreas para interpretar as múltiplas dimensões do espaço. Essa integração é imprescindível para compreender os fenômenos globais atuais, como a urbanização acelerada, as mudanças climáticas e a globalização econômica, todos temas que cruzam fronteiras disciplinares.

Leff (2004) destaca que a educação ambiental, fundamentalmente ligada à Geografia, deve ser crítica e interdisciplinar, promovendo o entendimento dos problemas socioambientais em sua complexidade. Isso exige que a Geografia se conecte com as Ciências Naturais, a Sociologia e a Economia para abordar questões como sustentabilidade e justiça ambiental.

Pacheco (2010) reforça a ideia de que a Geografia, ao trabalhar com conceitos como território, paisagem e lugar, articula saberes diversos, desde a Biologia até a Matemática, na análise de dados geográficos. A utilização de tecnologias, como Sistemas de Informação Geográfica (SIG), exemplifica essa conexão interdisciplinar, pois combina geoprocessamento, estatística e conhecimento ambiental.

No âmbito escolar, Sacristán (2000) argumenta que o currículo deve ser organizado de maneira integrada, e a Geografia, por sua natureza, oferece um eixo articulador para essa integração. Ela possibilita a construção de projetos educativos que envolvam diversos saberes, promovendo aprendizagens contextualizadas e significativas para os estudantes.

A abordagem interdisciplinar da Geografia também favorece o desenvolvimento de competências essenciais para o século XXI, como a capacidade de análise crítica, resolução de problemas complexos e compreensão sistêmica do mundo. Para Morin (2001), o pensamento



complexo, aplicado na Geografia, permite conectar dimensões diversas do conhecimento e da realidade, algo fundamental para a formação integral dos alunos.

Além disso, a Geografia contribui para a formação cidadã ao possibilitar a reflexão sobre questões sociais e ambientais presentes no cotidiano dos estudantes, como destaca Freire (1996). A interdisciplinaridade, nesse contexto, se apresenta como um caminho para a educação crítica, que não se limita à transmissão de conteúdos, mas que engaja os alunos na problematização da realidade.

A relevância da Geografia enquanto campo de conexão entre saberes ganha ainda maior dimensão diante dos desafios contemporâneos. A análise de problemas globais, como a crise ambiental, os fluxos migratórios e as desigualdades socioespaciais, exige uma abordagem que dialogue com diferentes áreas do conhecimento, demonstrando o papel central da Geografia nessa articulação.

Finalmente, ao integrar saberes, a Geografia não apenas contribui para a construção do conhecimento escolar, mas também para a formação de sujeitos capazes de compreender e intervir no mundo de forma crítica e contextualizada, reafirmando sua posição como campo fundamental para a interdisciplinaridade na educação contemporânea.

### **2.3 Propostas de Práticas Interdisciplinares com Base na Geografia**

As propostas de práticas interdisciplinares fundamentadas na Geografia representam uma importante estratégia para tornar o ensino mais significativo, contextualizado e conectado às demandas contemporâneas. A Geografia, enquanto disciplina que estuda as relações entre o espaço, a sociedade e o ambiente, possui potencial para atuar como eixo articulador de saberes, favorecendo o diálogo entre diferentes áreas do conhecimento (OLIVEIRA, 2007).

Segundo Libâneo (2013), o trabalho interdisciplinar possibilita que os estudantes ultrapassem a fragmentação dos conteúdos escolares e desenvolvam uma visão mais integrada da realidade. Nesse sentido, as práticas pedagógicas que utilizam temas geográficos permitem a construção de projetos que envolvem História, Ciências, Sociologia, Matemática e outras disciplinas, promovendo uma aprendizagem contextualizada e crítica.

Uma das principais propostas é o desenvolvimento de projetos temáticos que partem de problemáticas reais vividas pelos alunos e suas comunidades. Por exemplo, o estudo da urbanização pode ser trabalhado integrando a Geografia com a Sociologia para compreender



as dinâmicas sociais e os processos históricos que moldam a cidade (SANTOS, 1996). Essa abordagem estimula a compreensão dos fenômenos sociais como interligados e em constante transformação.

Harvey (2003) destaca que o espaço geográfico não é um mero palco passivo, mas um elemento ativo na constituição das relações sociais. Por isso, o ensino interdisciplinar que toma a Geografia como eixo deve valorizar a análise crítica das relações de poder, desigualdade e conflitos territoriais, aspectos que podem ser aprofundados em parceria com a História e a Filosofia.

No âmbito ambiental, as propostas interdisciplinares com base na Geografia podem abordar temas como a sustentabilidade, as mudanças climáticas e a conservação dos recursos naturais. Leff (2004) enfatiza que os saberes ambientais são fundamentais para a formação de cidadãos críticos, conscientes dos desafios ecológicos e sociais, o que reforça a necessidade de uma articulação curricular que integre as Ciências Naturais, a Geografia e a Educação Ambiental.

Outro exemplo prático é a elaboração de mapas temáticos, que envolve conhecimentos matemáticos para interpretação e construção gráfica, além da Geografia para compreensão dos espaços representados. Essa atividade pode ser expandida para incluir dados históricos e sociais, promovendo uma visão interdisciplinar e reflexiva do território (PACHECO, 2010).

Além disso, as propostas de práticas interdisciplinares com base na Geografia devem fomentar o desenvolvimento de projetos de campo. O contato direto com o espaço vivido permite aos estudantes observarem as relações entre sociedade e natureza, ampliando a percepção sobre as questões locais e globais (FAZENDA, 2002). Essas experiências enriquecem o aprendizado e estimulam o protagonismo estudantil.

Sacristán (2000) argumenta que o currículo deve ser entendido como um projeto coletivo e cultural que articula conhecimentos com a vida dos alunos. Nesse sentido, o trabalho interdisciplinar com a Geografia contribui para aproximar a escola da realidade social, tornando o ensino mais dinâmico e conectado aos desafios do mundo contemporâneo.

O uso de tecnologias digitais também é uma importante ferramenta para práticas interdisciplinares em Geografia. A análise de imagens de satélite, o uso de sistemas de informações geográficas (SIG) e a produção de conteúdos multimídia permitem uma abordagem integrada que conecta o conhecimento geográfico às habilidades digitais demandadas na atualidade (OLIVEIRA, 2007).

Para Freire (1996), a problematização da realidade é um princípio pedagógico fundamental. Ao desenvolver projetos interdisciplinares com base em temas geográficos, os professores podem instigar os alunos a questionar, refletir e agir sobre as condições de seu território, o que estimula a formação de sujeitos críticos e conscientes de seu papel social.

No campo da cidadania, as práticas interdisciplinares podem explorar os direitos e deveres dos cidadãos em relação ao espaço urbano e rural, envolvendo Geografia, Direito e Sociologia. Essa abordagem contribui para o fortalecimento da consciência cívica e para a promoção de uma participação social mais efetiva (LIBÂNEO, 2013).

Ainda, o tema da globalização pode ser trabalhado interdisciplinarmente a partir da Geografia econômica, relacionando-se com História, Economia e Sociologia. Isso possibilita a compreensão das conexões entre processos locais e globais, demonstrando como o espaço geográfico é atravessado por fluxos e redes de diversas naturezas (SANTOS, 1996).

A interdisciplinaridade no ensino da Geografia que aborda a questão dos direitos territoriais e da diversidade cultural é aspecto relevante. Temas como a relação dos povos indígenas e comunidades tradicionais com o território promovem um diálogo entre Geografia, Antropologia e Direitos Humanos (HARVEY, 2003).

Para efetivar essas práticas, é necessário que a formação docente contemple o desenvolvimento de competências para o planejamento colaborativo e a construção de projetos interdisciplinares. Fazenda (2002) destaca que a formação contínua é essencial para superar resistências e transformar a prática pedagógica.

Todavia, faz-se necessário considerar a realidade local dos estudantes, valorizando seus saberes e experiências. Isso contribui para uma interdisciplinaridade contextualizada e significativa, que não apenas transmite conteúdos, mas forma cidadãos capazes de intervir criticamente em seu meio (PACHECO, 2010).

Deve ser, também, integrada e processual, considerando não só os conteúdos específicos, mas as habilidades de análise crítica, cooperação e resolução de problemas. Esse tipo de avaliação favorece uma aprendizagem mais profunda e duradoura (SACRISTÁN, 2000).

Destarte, as propostas de práticas interdisciplinares com base na Geografia representam uma possibilidade concreta de superar a fragmentação curricular, promovendo uma educação contextualizada, crítica e alinhada às demandas sociais e ambientais

contemporâneas. Elas contribuem para a formação de sujeitos mais conscientes, atuantes e preparados para os desafios do mundo globalizado.

## CONCLUSÃO

Ao longo deste trabalho, ficou evidente como a Geografia, quando pensada de forma interdisciplinar, amplia as possibilidades de ensino e aprendizagem. Ela não apenas descreve o espaço, mas interpreta relações sociais, econômicas, culturais e ambientais que atravessam o cotidiano dos estudantes. Quando conectada a outras áreas do conhecimento, a Geografia ganha ainda mais potência: torna-se instrumento de leitura crítica do mundo, provocando questionamentos e incentivando a participação ativa dos alunos na construção de soluções para os desafios que os cercam.

As propostas de práticas interdisciplinares aqui discutidas mostram que é possível — e necessário — romper com modelos fragmentados de ensino. Trabalhar temas como urbanização, meio ambiente, mudanças climáticas e desigualdade social de forma integrada torna o aprendizado mais significativo e conectado com a realidade. Além disso, favorece o trabalho colaborativo entre docentes e o envolvimento mais ativo dos estudantes no processo educativo.

Encerrar essa reflexão é, na verdade, abrir possibilidades: a interdisciplinaridade com base na Geografia não é uma fórmula pronta, mas um convite constante à experimentação, à escuta e à reinvenção da prática docente. Com intencionalidade pedagógica, diálogo entre saberes e sensibilidade às realidades escolares, ela pode transformar o espaço da escola em um verdadeiro território de conhecimento, cidadania e transformação social.

## REFERÊNCIA

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: Ministério da Educação, 2018. Disponível em: <https://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em: 30 maio 2025.

CAVALCANTI, Lana de Souza. **Geografia, escola e construção de conhecimentos**. Campinas, SP: Papirus, 2012.

FAZENDA, Ivani Catarina Arantes. **Interdisciplinaridade: história, teoria e pesquisa**. 3. ed. Campinas: Papirus, 2002.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. 21. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

HARVEY, David. **Espaço e Política**. São Paulo: Annablume, 2003.

JAPIASSU, Hilton. **Interdisciplinaridade e patologia do saber**. 4. ed. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

JAPIASSU, Hilton. **Problemas do conhecimento**. São Paulo: Ática, 1976.

LEFF, Enrique. **Saberes ambientais: ciência, cultura e poder**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. 13. ed. São Paulo: Cortez, 2013.

MOREIRA, Antônio Flávio Barbosa; CANDAU, Vera Maria. **A interdisciplinaridade na formação de professores: desafios e perspectivas**. Petrópolis: Vozes, 2003. p. 115133.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. 11. ed. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2001.

NICOLESCU, Basarab. **Manifesto da Transdisciplinaridade**. São Paulo: Triom, 1999.

OLIVEIRA, José Romualdo da Cunha. **Geografia e educação: a prática e o conhecimento**. São Paulo: Moderna, 2007.

PACHECO, Vitor Manuel. **Geografia, espaço e território: fundamentos e metodologias**. São Paulo: Contexto, 2010.

SACRISTÁN, J. Gimeno. **O currículo: uma reflexão sobre a prática**. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2000.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal**. Rio de Janeiro: Record, 1996.

1814

VESENTINI, José William. **Sociedade e espaço: geografia geral e do Brasil**. São Paulo: Ática, 2009.